

# PROJETO DE CULTURA “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roberto Antônio Penedo do Amaral<sup>1</sup>

Juliana Santana de Almeida<sup>2</sup>

**Resumo:** *O artigo apresenta um breve relato de experiência sobre o Projeto de Cultura “Diálogos Literários”. O referido projeto está vinculado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), e tem como objetivo fundamental estimular a formação de leitores/as na cidade de Palmas (TO), a partir de discussões decorrentes da apresentação e da problematização de obras literárias de autores/as representativos/as da literatura brasileira e estrangeira.*

**Palavras-chave:** *projeto de cultura; literatura; formação de leitores; extensão.*

**Abstract:** *The article presents a brief experience report on the Culture Project “Diálogos Literários”. This project is linked to the Degree in Philosophy of the Universidade Federal do Tocantins (UFT), and its main objective is to stimulate the formation of readers in the city of Palmas (TO), based on discussions arising from the presentation and the problematization of literary works of authors representing Brazilian and foreign literature.*

**Keywords:** *culture project; literature; formation of readers; extension.*

## Introdução

A perspectiva conceitual de literatura com que lidamos no desenvolvimento do Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” tem nos fundamentos do semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980) o cerne principal. O referido pensador afirma, em primeiro lugar, que não considera a literatura como comumente se admite: o *corpus* de um conjunto de obras, nem um ramo comercial cuja mercadoria são livros de gêneros específicos, e, muito menos, o ensino de uma determinada disciplina. Para o viés barthesiano, esse termo tem uma peculiaridade mais profunda, trata-se do “grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 2007, p. 16). Tal grafo complexo, ele chamará de *texto*, que nada mais é que o “tecido dos significantes que constitui a obra” (BARTHES, 2007, p. 16). O foco que Barthes dá ao texto advém do fato de ele o tomar como o autêntico manifestar da língua, tornando-se, portanto, o ambiente ideal para se travar o combate contra o poder nela manifesto, no sentido de, arditamente dele desviar-se, “não pela mensagem de que ela é instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (BARTHES, 2007, p. 16). Com isso, o semiólogo francês quer deixar patente que a possibilidade de

1 Professor Associado I do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Coordenador do Projeto de Cultura “Diálogos Literários”. E-mail: robertoamaral001@gmail.com

2 Professora Adjunta I do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Vice-Coordenadora do Projeto de Cultura “Diálogos Literários”. E-mail: jusantanaa@hotmail.com

escape ao poder, presente na literatura, não depende da postura política do escritor em sua vida civil, tampouco do sentido doutrinário que sua obra possa ter, mas essencialmente do exercício de *deslocamento* que ele efetua sobre a língua. Em outras palavras, a preocupação de Barthes reside na *forma* de como o texto literário se organiza, se configura, na busca por ludibriar a língua, constituindo-se, assim, num avesso do poder, ou, o que também é verdadeiro, no desvelamento do poder desde o seu avesso.

O deslocamento operado sobre a língua, mediante a configuração da forma que se consuma no texto literário, revelam as forças da literatura, entre as quais, Barthes destaca três: a *Mathesis*, a *Mimesis* e a *Semiosis*.

O termo grego *mathesis* tomado por empréstimo por Barthes, para empregá-lo como uma das forças da literatura, tem um sentido similar ao que o filósofo francês René Descartes (1596-1560) já utilizara no início da filosofia moderna, que se traduz nos seguintes termos: “o bom método é aquele que permite conhecer verdadeiramente o maior número de coisas com o menor número de regras” (CHAUI, 1996, p. 77, grifo da autora). Em razão disso, tal método deveria sempre ser considerado *matemático*, ou seja, “tomado no sentido grego da expressão *ta mathema*, isto é, conhecimento completo, perfeito e inteiramente dominado pela inteligência” (CHAUI, 1996, 77).

*Mutatis mutandis*, é por um viés aproximado que Barthes afirma que “A literatura assume muitos saberes” (BARTHES, 2007, p. 17). Tomando como exemplo o romance *Robinson Crusoe*, do escritor inglês Daniel Defoe (1660-1731), Barthes ressalta nessa obra a presença de saberes diversos, como, o histórico, o geográfico, o social, o botânico, o antropológico. Num tom visionário, enaltecendo a força da *Mathesis* literária, o semiólogo francês declara que, se por alguma inexplicável razão, todas as disciplinas tivessem que ser extintas do ensino, com a exceção de uma só, esta deveria ser a literatura, “pois todas as ciências estão presentes no monumento literário” (BARTHES, 2007, p. 17).

Marilena Chauí apresenta a expressão grega *Mimesis*, com os seguintes significados: “Imitação, ação de imitar, representação, ação de reproduzir, de figurar” (CHAUI, 2002, p. 506). É justamente como *representação* que Barthes vai afirmar a segunda força resguardada pela literatura. Para ele, desde seus primórdios até no que há de mais inovador em suas formas de expressão na contemporaneidade, se há um esforço permanente da literatura, esse é o de representar algo, é o de valer por alguma coisa. E que “algo” é esse ou que “alguma coisa” é essa que a literatura teima em querer representar? Barthes não titubeia em responder de forma direta: o real! “O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura” (BARTHES, 2007, p. 21). É diante da impossibilidade de representação do real que a literatura investe insistentemente. Muito mais que isso: a vã luta empreendida por essa arte da palavra no afã de apreender e figurar o real é que faz da literatura o que ela é: a arte do impossível: “Que não haja paralelismo entre o real e a linguagem, com isso os homens não se conformam, e é essa recusa, talvez tão velha quanto a própria linguagem, que produz, numa faina incessante, a literatura” (BARTHES, 2007, p. 22).

O movimento de teimar e deslocar-se realizado pela literatura consubstancia-se, então, segundo Barthes, num ardiloso método para *jogar* com os discursos do poder. Em outros termos, desde um artifício lúdico, no que essa palavra de tem de mais profundo<sup>3</sup>, a literatura *brinca* de “esconde-esconde” com todo e qualquer tentame de aprisioná-la a reducionismos, de enquadrá-la em taxinomias, de domesticar a sua irascibilidade, “Assim não devemos espantar-nos se, no horizonte impossível da anarquia linguageira – ali onde a língua tenta escapar ao seu próprio poder, à sua servidão –, encontramos algo que se relaciona com o teatro” (BARTHES, 2007, p. 27).

Tal jogo empregado pela literatura nada mais é que a sua terceira força, nomeada por Barthes como *Semiosis*, cujo funcionamento traduz-se em “*jogar* com os signos em vez de destruí-los” (BARTHES, 2007, p. 27, grifo do autor). Tal afirmação vem ao encontro do que já foi dito anteriormente, a saber, a alternativa que a linguagem encontra para escapar aos ditames dos discursos do poder não se efetiva fora da língua, mas em seu próprio âmbito, ou seja, trapaceando com a língua para trapacear a língua. Daí

3 Tal sentido profundo do lúdico vemos traduzido no pensamento estético de Friedrich Schiller (1759-1805), conforme esclarece Benedito Nunes: “Para Schiller, o impulso lúdico se exerce acima das necessidades naturais da vida e independente dos interesses práticos” (2000, p. 55).

Barthes ter dado o nome para tal trapaça de *literatura*, a arte de jogar com os signos que constituem determinada língua. Jogar com os signos, nesse sentido, significa “colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas” (BARTHES, 2007, p. 28).

## Justificativa

A justificativa do Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” pauta-se nas três forças da literatura teorizadas por Roland Barthes, e por nós problematizadas na introdução, quais sejam, a *Mathesis*, a *Mimesis* e a *Semiosis*. Em outras palavras, o desenvolvimento do presente projeto tem em vista a apresentação e o debate de obras literárias, de gênero narrativo, de autores representativos da literatura brasileira e universal, com o fito de compreender a matéria literária de gênero narrativo como fonte de conhecimento, como mimese do real e como deslocamento da linguagem em seu combate às diversas manifestações do poder.

Para tal fim, destacamos também os três momentos da mimese da literatura discutida pelo hermenêuta francês Paul Ricoeur (1915-2005), em sua obra *Tempo e narrativa* (tomo 1, 1984). A mimese I, nomeada por ele de *prefiguração*, diz respeito aos elementos constituidores da obra literária, ou seja, todos os aspectos circunstanciadores que engendrarão a narrativa em sua forma escrita. A mimese II, também chamada de *configuração*, indica que, a partir de todos os elementos indiciadores, a narrativa escrita foi construída, conformando-se em obra literária. Por fim, a mimese III, a *refiguração*, traz à tona as implicações proporcionadas pela fusão de horizontes estabelecida pelo encontro entre o mundo da obra e o mundo do leitor.

A nosso ver, a perspectiva de formação crítica proporcionada pela leitura de obras literárias reside justamente na mimese III, na *refiguração*, que nada mais é que o esforço do leitor em referenciar o texto literário lido ao seu mundo vivido. Desse complexo enleio, certamente, resultarão comparações entre o real e o fictício, culminando em reflexões sobre a não coincidência entre a realidade dada e a realidade possível, provocando no (a) leitor (a), necessariamente, lumes de criticidade.

Por fim, destacamos um terceiro aspecto que fundamenta este projeto, qual seja, o que reivindica o caráter transformador provocado pela leitura de obras literárias.

O crítico literário francês, George Steiner, em “Alfabetização humanista”, um dos ensaios que compõem a obra *Linguagem e silêncio* (1988), faz a seguinte advertência: “Quem leu *A metamorfose* de Kafka e consegue se olhar no espelho sem se abalar, talvez seja capaz, do ponto de vista técnico, de ler a palavra impressa, mas é analfabeto no único sentido que importa” (STEINER, 1988, p. 29).

Creemos que a declaração de Steiner fale *per se*, no entanto, não nos custa nada explorá-la um pouco mais.

A menção que o crítico faz à clássica obra do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924), *A metamorfose*, evidencia que não é qualquer obra literária que pode ser considerada como “monumento literário”. Em outras palavras, as obras literárias que, de fato, podem causar o estranhamento descrito na frase de Steiner, são aquelas cuja linguagem está impregnada das três forças barthesianas da literatura: a) a *Mathesis*, que faz do texto literário *ta mathema*, ou seja, um método inequívoco na busca pelo conhecimento amplo, profundo e perspectivo dos âmbitos humano e mundano; b) a *Mimesis*, que faz da literatura a arte do impossível, ou seja, uma busca incansável de representar a realidade da condição humana e mundana por meio da linguagem escrita e, c) a *Semiosis*, que se converte no generoso, mas desafiador convite do texto literário ao (à) leitor (a), para que este (a) se enrede e, ao mesmo tempo, busque interpretar os equívocos signos que o engendram. *A metamorfose* é, com certeza, uma obra em que as três forças da literatura preconizadas por Barthes estão presentes de maneira soberba.

Steiner fala também sobre a nossa capacidade de olharmo-nos no espelho sem a capacidade de nos perturbarmos, após ter tomado conhecimento da desventura de Gregor Samsa, o protagonista de *A metamorfose*, “Quando certa manhã [...] despertou, depois de um sono intranquilo, [e] achou-se em sua

cama convertido em um monstruoso inseto” (KAFKA, 1989, p. 23). Para o crítico francês, tal capacidade só pode advir de uma condenável disposição do ser humano, a de permanecer na analfabetização humanista. Sim, é verdade, podemos passar olhos por uma obra literária e ter com ela apenas uma relação decodificadora, ou seja, realizar apenas uma leitura técnica sobre as palavras nela impressas, o que se converte numa relação completamente superficial entre o mundo do leitor (a) e o mundo do texto. Certamente isso não nos afetará em nada. Poderemos olhar outra vez nosso rosto no espelho e não veremos mudança nenhuma, a não ser as superficiais.

Por outro lado, ler com a devida atenção e cuidado o que uma obra como *A metamorfose* requer, segundo Steiner, implica, para nós, leitores (as) arriscarmos-nos em demasia, pois significa “tornar vulnerável nossa identidade, nosso autodomínio” (STEINER, 1988, p. 29). Nesse sentido, ao olharmos-nos no espelho, após tal leitura, já não nos reconheceremos, pois a imagem refletida encontrar-se-á desfigurada, opaca, carente de uma forma exata. Já não nos identificaremos conosco mesmo, pois não há mais coincidência entre a nossa aparência e o nosso íntimo, “Assim deveria ser quando temos nas mãos uma importante obra literária [...]. Pode vir a nos possuir tão completamente que, por um momento, permanecemos com medo de nós mesmos e em um estado de imperfeito reconhecimento” (STEINER, 1988, p. 29).

Que outra tradução podemos dar a esse efeito provocado em nós pela leitura de uma obra literária senão o da transformação a que ela nos lança. Transformação de visão de mundo, mudança de perspectiva de como nos vemos a nós mesmos e aos nossos pares. É certo, isso deve causar algum medo, deve despertar em nós algum temor, afinal de contas, trata-se de um vertiginoso estranhamento, mas isso não será já um prenúncio de que algo está realmente para mudar?

Além dos aspectos estéticos e éticos problematizados nesta justificativa, é importante mencionar o aspecto político implicado neste projeto, tanto no seu aspecto teleológico, mas também em sua substancialização como política pública. Nesse sentido, o Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS”, em relação À Metas do Plano Nacional de Cultura, vai ao encontro do cumprimento da Meta 22, a saber: “Aumento em 30% no número de municípios brasileiros com grupos em atividades nas áreas de teatro, dança, circo, música, artes visuais, *literatura* e artesanato”, pois, “É importante valorizar a existência de grupos e coletivos artísticos locais, pois são espaços privilegiados para a experimentação e inovação tanto amadora como profissional. Além disso, são lugares nos quais as manifestações artísticas podem ser divulgadas e a diversidade cultural, valorizada” (Plano Nacional de Cultura, 2012, p. 68, grifo nosso).

## Objetivos

### Geral

- Apresentar e problematizar obras literárias de gênero narrativo, de autores representativos da literatura brasileira e universal.
- Provocar os participantes à leitura e ao debate das obras literárias apresentadas e problematizadas.
- Difundir a leitura de obras literárias de gênero narrativo.
- Contribuir na formação de leitores/as atentos e críticos de literatura de gênero narrativo.

### Específicos

- Tornar o Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” um espaço de articulação e integração entre a UFT e a comunidade acadêmica e não acadêmica de Palmas.
- Fomentar o hábito da leitura de obras literárias, de gênero narrativo, de autores representativos da literatura brasileira e universal.

## Metas

O Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” possui caráter absolutamente extensionista, vinculado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da UFT, e não estabelece qualquer tipo de ônus sobre os participantes, pois uma de suas principais metas é propiciar ao interessado o acesso a este bem cultural, que é a literatura. O papel da universidade pública, nesse contexto, é estimular o debate e a formação de leitores/as, a partir das discussões decorrentes da apresentação e da problematização de obras literárias.

## Parceria

Visando a utilização de espaços culturais da cidade de Palmas como forma de estreitamento das relações institucionais entre a UFT e a comunidade local, as edições do Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS”, no ano de 2017, foram realizadas nas dependências do Serviço Social do Comércio – SESC-Palmas (TO). Já as edições do ano de 2018 foram realizadas nas dependências da Livraria Leitura no Shopping Center Capim Dourado, também localizado na cidade de Palmas (TO).

## Metodologia

As edições do Projeto de Cultura “DIÁLOGOS LITERÁRIOS” foram realizadas com a seguinte metodologia:

- a) Mensalmente, sempre aos sábados, das 10:30h às 12:00h, nas dependências do SESC-TO (ano de 2017) e nas dependências da Livraria Leitura (ano de 2018), por meio de apresentação e problematização de obra literária de gênero narrativo previamente definida, autor/a representativo da literatura brasileira ou universal, por parte convidado/a, com duração de até sessenta minutos.
- b) Após a apresentação e problematização da obra por parte do/a convidado/a, o público era convidado a participar do debate, a partir da mobilização realizada pelo coordenador da edição do Projeto de Cultura Diálogos Literários.

## Cronograma de edições realizadas e seu respectivo público

O Projeto de Cultura Diálogos Literários foi criado em 30 de maio de 2017, tendo iniciado suas atividades em 19 de junho do mesmo ano. Desde o início de suas atividades o referido projeto realizou 13 edições, totalizando a participação de 175 pessoas, o que dá uma média de 14 participantes por edição.

Eis as edições já realizadas:

DATA	TEMA	APRESENTADORES
19/06/2017	Apresentação do romance <i>Do mundo, suas delicadezas</i> , de Erre Amaral	Erre Amaral e Paulo Aires
12/08/2017	Apresentação do romance <i>Grande sertão: veredas</i> , de João Guimarães Rosa	Erre Amaral e Gihane Scaravonatti
20/09/2017	Apresentação do conto <i>O perseguidor</i> , de Julio Cortázar	Erre Amaral e Juliana Santana
21/10/2017	Apresentação do romance <i>Morte em Venéza</i> , de Thomas Mann	Erre Amaral
15/12/2017	Apresentação do romance <i>Fahrenheit 451</i> de Ray Bradbury	Gihane Scaravonatti
28/04/2018	Apresentação do romance <i>Lavoura arcaica</i> de Raduan Nassar	Erre Amaral e Juliana Santana

19/05/2018	Apresentação dos romances <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> e <i>Recordações do escrivo Isaiás Caminha</i> de Lima Barreto	Leila Dias e Cristiane Roque
30/06/2018	Apresentação do romance <i>A cidade e as serras</i> de Eça de Queiroz	Thiago Darin
25/08/2018	Apresentação da epopeia <i>Odisseia</i> de Homero	Odi Alexander
29/09/2018	Apresentação do romance <i>O romance d'A pedra do reino</i> de Ariano Suassuna	Rose Bodnar e Bárbara Tavares
08/12/2018	Apresentação do tema "A literatura e a invenção das cidades"	Erre Amaral e Patrícia Orfila

## Referências

BARTHES, Roland. **Aula** – Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. [trad. Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL, **Ações do Plano Nacional de Cultura**. 2012.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

CHAUI, Marilena. Filosofia Moderna. In: **Primeira filosofia** – aspectos da história da filosofia.

OLIVEIRA, Armando Mora de (*et alli*). São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 60-108.

KAFKA, Franz. **Um artista da fome e A metamorfose**. [trad. Torrieri Guimarães]. Rio de Janeiro, Ediouro, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). [trad. Constança Marcondes César]. Campinas-SP: Papyrus, 1994.

STEINER, George. **Linguagem e silêncio** – Ensaios sobre a crise da linguagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Recebido em 12 de dezembro de 2018.

Aceito em 15 de dezembro de 2018.